

AJUDA PARA ALMAS NÃO PEQUENAS: O KIT DE SOBREVIVÊNCIA DO DESCOBRIDOR PORTUGUÊS NO MUNDO ANTICOLONIAL, DE PATRÍCIA LINO

**RESENHA DE:
LINO, PATRÍCIA. O KIT DE SOBREVIVÊNCIA DO DESCOBRIDOR
PORTUGUÊS NO MUNDO ANTICOLONIAL. JUIZ DE FORA:
EDIÇÕES MACONDO, 2020.**

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i25p297-302>

Luiz Fernando Queiroz Melques¹

O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial, de Patrícia Lino, publicado em novembro de 2020, abre a segunda fase de “A Coleção”, da editora mineira Macondo. A proposta da coleção é a de editar poetas portugueses contemporâneos ainda não publicados ou com pouca recepção no Brasil em volumes acompanhados por um breve estudo crítico assinado por escritores brasileiros. Na fase intitulada “Ano II”, também foram lançados os títulos *Fisioterapia*, de F. S. Hill; *Žižek vai ao ginásio*, de Tiago Alves da Costa; e *São Miguel da Desorientação*, de Miguel Martins. Em Portugal, o livro de Lino foi publicado dias depois de publicado no Brasil, pela editora Douda Correria, que abriga em sua linha editorial vários títulos de poetas brasileiros, entre os quais Angélica Freitas e Ana Martins Marques.

¹ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Dentre os elementos do livro, notou-se ainda certa variação na seção “Como usar” de modo que instruções mais inventivas e astuciosas se intercalam com enxutas recomendações não obstante as possíveis “aplicações” do item.

As práticas de linguagem presentes nesses itens, ao apontar para diferentes discursos, como o da publicidade ou da autoajuda, e expedientes de uma tradição satírica, acabam por agenciar sentidos que estão em trânsito e inserir-se em debates atuais, isto é, não se trata apenas de ridicularizar uma figura obviamente obsoleta, mas perceber também o que dessa figura ainda persiste em diferentes campos.

Tais itens configuram-se objetos poéticos sob uma perspectiva contemporânea que os faz entrar em cena de forma menos hierárquica em relação a outros discursos em circulação. Assim, cabe dizer que se integram também ao conjunto da obra de Lino, uma obra híbrida que emprega diferentes suportes e transita por várias linguagens em seus processos criativos. Patrícia, nascida em 1990 no Porto, é autora de um álbum de poesia mixada, um curta-metragem e um livro audiovisual, entre outras composições. Além disso, é professora de literatura e cinema luso-brasileiros na Universidade da Califórnia em Los Angeles e pesquisadora com diversas publicações sobre poesia contemporânea, intermedialidade e anticolonialismo. Suas produções podem ser acessadas por meio do site: www.patricialino.com

A “sobrevivência” evocada pelo kit deve ser encarada em sua complexidade. Por um lado, presume-se a situação fora do lugar desse descobridor “em meio a um mundo que o desautoriza”, como aponta o poeta José Luiz Passos no posfácio à obra, visto que a defesa do colonialismo passa a ser majoritariamente rechaçada na esfera pública. Por outro lado, ainda que pareçam ultrapassados, não se pode perder de vista que tais discursos opressores se metamorfoseiam e encontram meios de serem veiculados apelando para uma falaciosa relativização. E é essa a reminiscência que deve ser encarada e denunciada. Somam-se a isso as demonstrações de microviolência vivenciadas cotidianamente por “membros das comunidades das ex-colônias” e sobre as quais pouco se fala. Sobre isso, vale a pena ler e reler o item “Fiel da Balança”, que convoca essa perigosa e atual figura que, sob um crivo distorcido da razão, quer relativizar o censurável. Nas palavras de Lino (2020, p. 85), “Apesar de ninguém saber ao certo de onde vem a tão grande autoridade conferida

ao FIEL DA BALANÇA, ele é parte fulcral da cultura de opinião”. Dentre as várias manifestações possíveis desse discurso, cabe destacar uma que se repete na obra: o discurso que busca amenizar a gravidade da colonização portuguesa ao conferir uma importância desmedida a seus supostos contributos e considerá-la um processo mais brando e tolerante em comparação à colonização empreendida por outras nações.

Neste sentido, podemos debruçar-nos sobre o item “Cocas Paradoxal”, cuja referência é um jogo conhecido em algumas regiões do Brasil como “come-come”. No jogo, escrevem-se frases em um papel que é dobrado até virar um objeto a ser aberto e fechado com a ajuda dos dedos. Após a quantidade de movimentos escolhida pelo parceiro, uma das frases é revelada ao jogador. As descrições do jogo proposto por Lino (2020, p. 28) vão, então, buscar suas frases na “quantidade volumosa, realmente abundante, de paradoxos criados ou manifestados por intelectuais portugueses”, oferecendo a ludicidade irônica ao kit. O rol, com efeito, impressiona pela amarga familiaridade das expressões, como por exemplo “É um facto: o homicida proferiu vários comentários racistas antes de assassinar o indivíduo, que era negro, mas parece-me extremista dizer que isto se trata de um crime racista” e “O colonialismo benigno dos anos 60”. (LINO, 2020, p. 29)

Façamos agora uma pausa para pensar nesse período não tão distante em que o discurso colonial e totalitário também era o discurso oficial com esfarrapados remendos, como a troca do termo colônia por província ultramarina. Em pleno salazarismo, no ano de 1960, José Cardoso Pires publicava a *Cartilha do Marialva*, que versava sobre essa figura tradicional da cultura portuguesa que se orgulha de suas raízes, de seus valores conservadores e de seu provincianismo castiço, apelando tanto para a brutalidade quanto para a providência divina. Nas palavras de Pires (1989, p.135),

a ingenuidade, a rudeza ou o culto do tosco revalorizam-se; a adoração do primitivo não tarda. Em menos de nada, o marialva atinge o cume desejado: *portuguesidade* como sinónimo de *nacionalismo*, de *Raça*. Raça, com maiúscula.

O livro de Pires apresenta um teor ensaístico e, por meio da exploração de diferentes obras e costumes, busca apontar o “irracionalismo” marialva e os vários prejuízos decorrentes de sua vasta

inserção nos diversos campos da sociedade portuguesa. Cabe assinalar que a cartilha, encarada como um tratado, era também uma resposta a “cartilhas” antigas, como a *Carta de guia de casados* (1651), de Francisco Manuel de Melo, que normatizava as relações afetivas e domésticas da fidalguia lusitana sob a égide do patriarcado. Se, à época de Pires, tais figuras podiam gozar de uma atuação sem grandes constrangimentos, os discursos oficialmente aceitos – com todos os senões que exploramos anteriormente – são outros sessenta anos depois. Assim, voltamos ao nosso contexto e posicionamos a crítica presente na obra de Lino. Servindo-nos de sua verve satírica, podemos dizer que a autora identifica que antigos e novos marialvas carecem agora de uma cartilha atualizada para seguir, de um kit para sobreviver. Com efeito, a ajuda fornecida pelo paródico livro provoca uns ao passo que diverte e alerta outros.

Sobre os referidos “uns”, não nos esqueçamos de considerar o endereçamento das instruções. São homens, mulheres e, às vezes, crianças, conforme a classificação etária. A restrição aparece para proteger da alcóolica Engenhinha e do fetiche *saudomasoquista*, mas faz vistas grossas para a violência e o racismo, como o fariam os ditos responsáveis. Vale lembrar que o intitulado “descobridor” é um papel distribuído a diferentes grupos ao longo do livro. Saudosistas, racistas, acadêmicos intransigentes e guardiães da lusofonia também são usuários do kit. Assim, com a inclusão de distintas dinâmicas de opressão, o alvo torna-se mais largo e o teor crítico intensifica-se.

Pela irreverência crítica, pelo necessário chacoalhão que não se furta de encarar questões polêmicas ou apontar construções falaciosas do cotidiano e por todo o demais exposto até aqui, ressalta-se a relevância da publicação de Lino. Além disso, recomenda-se que o livro seja uma porta de acesso às demais produções da autora, que tem criado espaços de reflexão a partir de diferentes formatos. Por último, gostaríamos ainda de valorizar a iniciativa da editora de tornar obras de novos poetas portugueses acessíveis ao público brasileiro.

REFERÊNCIAS

LINO, Patrícia. *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

PASSOS, José Luiz dos. “A literatura-kit em estado de graça”. In: LINO, Patrícia. *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

PIRES, José Cardoso. *Cartilha do Marialva* ou das negações libertinas. Lisboa: Dom Quixote/Círculo de Leitores, 1989.

Recebido em 6 de abril de 2021

Aprovado em 29 de novembro de 2021

Luiz Fernando Queiroz Melques

Doutorando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, com bolsa CAPES. Bacharel em Português/Espanhol, Licenciado em Letras e Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Contato: luizmelques@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-8313-0318>

A Revista *Desassossego* utiliza a Licença **Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.